NB

Cartas dirigidas ao Dr. Pe. Abel Varzim

Março de 1940

a propósito do seu discurso na Assembleia Nacional sôbre o grave problema do desemprêgo

Penitenciária de Coimbra, 7 de Março de 1940

Ao Exm.º Sr. Dr. Padre Abel Varzim.

Ao acabar de ler em "O TRABALHADOR" (1) o texto do

"O TRABALHADOR" Nº. 141 de 1 de Março de 1940.

---

discurso que V:Exª. fez na Assembleia Nacional acêrca do problêma do desemprêgo, despertou em mim energias para lhe escrever a expôr-lhe sinceramente o q sinto e o q se me oferece diser sôbre o assunto. Já a forma como vários problemas têm sido apresentados no mesmo jornal me espicaçara o desejo de lhe faser algumas observações, ou sublinhando matéria que daria análise larga, e até, perdôe-me V:Exª. a ousadia, daria lugar a comentarem-se as flagrantes contradições que se acusam, quer no campo doutrinário, ou dêste em relação à prática, mas, como V:Exª. deve supôr, não é para mim tarefa fácil, se tivermos em conta o lugar em que me encontro e a liberdade de que disponho, e, sobretudo, o ambiente geral não permite ter "tempo... para apreciar" (2), como V:Exª. disse na sua conferência

---

2) "Questões actuais. Indivíduo e pessoa."

---

sôbre "Questões actuais. Indivíduo e Pessoa.".

Explicadas as circunstâncias que me limitam a expontaneidade de escrever-lhe, melhor se compreendem os esforços que faço para poder diser-lhe o que sinto.

Apreciei o discurso de V:Exª.feito na Assembleia Nacional;o tom do desassombro que revela agradou-me,e tem verdades,que uma vez ditas são heresias para aquela casa,eque podem faser passar um grande mau bôcado a todo aquêle que se atreva a disê-las numa roda de conhecidos. De certo que há discordância entre o pensamento de V.Exª e o meu,e passagens há que me fiseram sorrir ao verificar a incerteza da posição e o conflito com a realidade, mas isso não obsta a que tenha visto que V.Exª.,perdôe--me o termo,é um excêntrico no seio de tal legislatura, mas que teve o mérito de lançar a perturbação em tal cenáculo com o calôr e a vibração das verdades que soube colher e enfrentar.

Li o seu discurso com agrado,mas fui sorrindo porque V.Exª:,colocado num campo ideológico oposto ao meu,olhando de frente um problema grave,dava rasão de lés-a-lés a posição que dêsde 1924 escolhi para dar-me ao trabalho pelo bem-estar geral.

Afinal,Sr.Dr. Varzim,existe a luta de classes.Não merece a pena negá-la como a tenho visto negada nos douy trinários desta época. Porque ela existe é que eu estou prêso,porque ela existe é que V.Exª. está na posição em que está,e ainda porque ela existe é que V.Exª:encontrou na Assembleia Nacional quem não o podesse compreender. A cooperação da propriedade,do capital e do trabalho é um mito que para aquêles que se metem a advogá-lo equivale aos trabalhos de Hercules,e como Saturno, devora

os seus próprios filhos.

V.Exª. faz-me lembrar a figura do padre Gaponi,- com as diferenças particulares que não fasem perder as circunstâncias da comparação - que na Rússia,e no começo dêste século,se deu à organisação dum sindicalismo estatal entre os trabalhadores,quando a reperessão czarista não consentia a existência dos sindicatos operários livres do Estado. Gaponi era fiel ao czar,mas,dêsde que privara com os trabalhadores,sentira a grandêsa da sua causa. Querendo servir a ambos êle foi a causa involuntária da revolução russa de 1905,que criara pela primeira vez os sovietes,que viriam depois a triumfar em 1917.

V.Exª. vive num conflito grave,a sua missão é inglória,sem outro resultado que não seja demonstrar que nós temos rasão.Tudo o que disse equivale ao que temos dito, e V.Exª. até chegou a achar natural que existisse a revolta.

Julgo não ter cegado pelo sectarismo,mas,confesso,não vejo nada do que tanto se tem dito e éscrito.E não vejo, nem espero ver.Se V.Exª. conhece muitos dos sentimentos e das aspirações das classes operárias,eu também os conheço,e bem experimentado sou para poder falar dos magos problemas que as afectam,e das soluções que exigem, além de estar apto a comprovar-lhe que a organisação corporativa nada produz,e faz menos do que fasiam os sindicatos livres nos periodos dificeis de 1927 a 1933.

O período de possibilidades para os sindicatos nacionais esgotou-se;a linha gráfica da sua evolução tomou já o declive para a sua fase regressiva. E V.Exª. constata-o quando agita o facto de não se terem constituido as comissões distritais de desemprêgo,que teriam "a representação...de empregados e operários". A desilusão é enorme;existe a convicção da inutilidade dessas represssentações,e com rasão.

Afirmou V.Exª. que "maior que o direito de propriedade é o direito à vida".Absolutamente de acôrdo,e porisso eu coloquei o direito à vida como fundamental, Mas vejo que,afinal,as cousas não se encaminham assim;tudo cede perante o direito de propriedade. Se afinal o direito à vida é superior a qualquer outro ,então é necessário passar das definições doutrinárias em que nos entretenemos aos actos,e dar satisfação imediata à miséria pavorosa que está atrofiando a espécie humana.

No discurso de V.Exª. há verdades,há uma crítica justa que,apesar de ser para mim contraditória com o que procura como solução,tem o mérito de pôr na ordem do dia um dos mais graves problêmas da hora que passa.

Eu descreio que seja feliz nas soluções que V.Exª.procura,talvez porque eu seja um dos que,revista a dòutrina,tomei como meu dever procurar uma melhor. Talvez seja isso do que se necessita!

Não deixarei sem referência um dos problemas mais curi

osos que no seu curioso discurso abordou, o salário familiar. É' pura sugestão! Como é de crêr, também estudei o problema dos salários, conheço muitas das soluções e críticas que se apresentam, tenho a minha opinião, e conheço alguma cousa da experiência colhida em mais de 80 anos de actividade sindical internacional a tal respeito.

O problema dos salários é complexo, e a actual estrutura económica, com ou sem corporativismo, não consente que o salário tenha outra forma da que não seja a paga do trabalho produzido pelo operário. A forma capitalista da produção só reconhce o operário e na razão directa da sua caparidade produtiva. A admitir na formação do salário o princípio das necessidades do homem e da família, a produção teria de tomar um caracter comunal, como associação dos esforços dos produtores, eliminando os "dadores de trabalho,- passe o termo corporativista - o agente capitalista: Não creio que seja isto o que V.Exª. deseja!

Para se instituir o salário familiar todas as teorias económicas que regem a lei dos salários caducam, e o direito de propriedade é contestado.

Já sei que V.Exª. apresentará o caso como um sôbre-salário dado, e eu pregunto: tirado da produção? Certamente que não. Claro que seria pedida a interferência do Estado, mas nada pior do que dar a este ao Estado uma ingerência na vida privada dos homens, que é prejudicial, animando esse totalitarismo que V.Exª. na conferência "QUESTÕES ACTUAIS - Indivíduo e Pessoa" condena, por rasões com as quais estou de

acôrdo,e que são fundamentais na doutrina que sigo dêsde os 18 anos de idade.

Dentro da forma do salário vejo como a única solução mais viável o salário único internacional,fixado sôbre um padrão-necessidade.

A produção tem relações comerciais internacionais,o salário não se circunscreve a simples condições nacionais: existe a concorrência,paizes favorecidos pela matéria prima e aparelhagem técnica,outros com fôrça motriz abundante e barata((o nosso paiz é só abundante em potencial), etc.,e tudo isto influe numa política de salários.

Havendo uma cooperação económica internacional,a economia de cada nação tomaria a feição mais racional,produsindo o que podia produsir com exito,e para satisfaser, não as mortíferas exigências da concorrência,mas as necessidades do conjunto.Redistribuir-se-iam as matérias primas,apropriavam-se as indústrias,aproveitavam-se as riquezas em estado de potencial,e o equilíbrio seria possível.Então haveria o ensejo de se estabelecer sôbre um padrão-necessidade (e êste padrão tomaria por base as necessidades fisiológicas,de cultura,mutualismo,encargos de família de toda a espécie,etc.) o salário único internacional. Deixariamos o padrão-ouro por ser inadmissivel já como padrão de valores.

Mas,Sr. Dr. Varzim,eu estava a esquecer-me que estamos no período em que se teima em autarquias económicas,o sistema que nos ajudou a ir até à guerra.Isso foi ilusão

BN

minha,e desculpe esta estupada de economia,de quem apenas conhece a do lar,ou a que é determinada pela penúria de meios.

Já me estava perdendo,e reatando o assunto do discurso de V.Exª. quero concluir,não lhe dando o meu apoio porque não estamos de acôrdo,mas felicitando-o por aquela soma de verdades que soube apresentar,advertindo-o que por diser aquilo está muita gente presa.

E' inglório o esfôrço de V.Exª.,porque os estadistas não o compreendem,e os trabalhadores também não,porque V.Exª. está num campo que não lhes inspira confiança,emite ainda pontos de vista que êles já não aceitam,porque, pelo menos,o seu instinto adverte-os de que a "actualidade" nada contém que os favoreça,e a prática ilude-os.

Outra cousa que me impressiona ao ler a conferência que V.Exª. fez no Rádio-renascença. Pensamos do mesmo modo sôbre as questões actuais - indivíduo e pessoa, e como poderemos afinal estar em campos políticos opostos,e muito principalmente estando V.Exª. naquêle que eu considero mais em antagonismo com essas mesmas ideas ? Por todas as rasões que V.Exª. apresenta nessa conferência é que eu não estou onde está V.Exª..E'curioso! Enfim,o homem é vário,e a verdade é relativa.

Desculpe-me,Sr. Dr.,esta impertinência,mas que ao menos ainda saibamos faser aquilo que hoje em dia não se usa: respeitar as ideas alheias sem prejuiso que cada um apresente as suas,que seja ouvido...e continue em liber-

da de.

Cumprimentos.

a) Emídio Santa ana

2ª carta.

Penitenciária de Coimbra, 19 de Março de 1940.

Foi para mim muito grato receber a carta de V.Exª. que me proporciona exprimir-me sôbre os problemas que preocupâm o meu espírito, e que devido à situação em que me encontro tenho de retê-los nesta dolorosa agonia do silêncio. Grato lhe fico por ter sacrificado o seu tempo a escrever-me.

Não quero abusar disso, porque V.Exª. tem os seus afazeres, está ocupado com os deveres que escolheu, e seria, portanto, importuno se fôsse agora ocupá-lo com as minhas p preocupações. Mas já que V.Exª. mostra uma tão cativante condescendência, e atrai a minha simpatia por um trato tão simpático, aceito escrever-lhe, prometendo não ser incómodo.

Não creia V.Exª. que possa ficar para mim um figadal inimigo, porque a sotaina de V.Exª. bão irrita o meu anarquismo, Sei respeitar cada um nas suas crenças, e todo o homem que pensa com inteligência, sentimento e sincerida-

de merece a minha atenção.

V:Exª.crê na sua religião,eu creio nas minhas ideas;V. Exª. sendo padre e eu militante anarquista,não é isso que pode obstar a que com elevação digamos o que sentimos,porque há,afinal,uma mesma aspiração que se satisfaz em nós ambos por processos diferentes. E ainda que me apelidem de terrorista,isso não impede que eu saiba elevar as preocupações do espírito como uma função sagrada,com o respeito devido,e que conheço as virtudes da liberdade para que as paixões do espírito sejam úteis e não degenerem em males.

Aguardo as respostas de V.Exª. em " O TABALHADOR",e terei o maior gôsto em apreciá-las,mas lastimo porém que o não possa obter,porque só o leio quando por acaso me chega às mãos.

V.Exª. vai responder-me em "O TRABALHADOR",e acho bem,mas o efeito dos artigos de V.Exª. não terão o brilho que por certo hão-de merecer,apenas porque respondem a ideas que hão-de ficar sem defeza,e isso é um dos males dos tempos em que vivemos. Perdôe-me V.Exª. esta alusão que não tem malícia;tem só uma amarga verdade que não pode nobilitar aquelas ideas que se impõem,seja em nome do que fôr,só pela fôrça,e pela retenção do pensamento alheio.

Não admite V.Exª. que a verdade seja relativa porque crê na Revelação;mas como hei-de eu crer nessa verdade revelada e total - sempre os perigos dos totalitarismos! - se até nela há contradição com a realidade? A verdade é um produto empírico-lógico,há-de sofrer as variações que sofre

a percepção da experiência atravez do raciocínio humano. Mas perdôe-me,Dr.,porque eu creio,que a verdade é humana, não concebo o divino.

Porque V.Exª. e eu não é que,segundo V.Exª.,estamos em contradição. Eu não creio nisso. O deísmo de V.Exª. e o meu ateísmo são aspectos da nossa divergência,mas como há pontos onde podemos estar de acôrdo,e estamos,quere-me parecer que a divergência não se resume no problema religioso.

Sim,sou cristão,e para mim o Evangelho tem um alto pensamento moral,tão alto que nem a nossa avançada época o alcançou ainda,mas como explicação do mundo não basta: está em certos casos desmentido pelo que comprovadamente já conhecemos,e exprime crenças,lógicas talvez na sua época,e para a sua mentalidade,mas hoje incompreensiveis. Até assim se verifica que a verdade é transformavel no Tempo e no Espaço.

Mas quero afirmar-lhe que não foi o Evangelho nem a Igreja,da qual V.Exª. é ministro;que me ensinaram a ser cristão;sou cristão porque sou anarquista. Aprendi a ser cristão com os nobres exemplos de Kropotkine,Reclus,e outros,e só poude achar no Evangelho uma grandeza moral depois que o anarquismo me educou. Sou cristão,mas não sou católico;lendo o Evangelho revigoro as minhas ideas,e afasto-me da Igreja sempre que olho para ela,

Perdôe-me a rudeza das minhas palavras,mas é assim.Contudo,sendo ateísta,não considero como abominavel aquêle que crê na divindade. Se essa idea fôr capaz de num indi-

BN

víduo dar-lhe grandeza moral e um conceito justo da vida, se o ensinar a ser humano e bom, eu dou-a por boa, e abençoada seja nesse caso. Mas assim como uma idea religiosa pode fecundar um grande coração, pode também distilá-lo em fanatismo, o que me leva a crer que essa idea em si é inâne para formar uma alma.

E vejo mais fanatismo que bondade; a fé, geralmente, é temor do misterioso.

Diz V.Exª. que se "houvesse fé, soubessem os homens que à justiça de Deus não escapam", haviamos de ver que a suaa doutrina triunfaria bem depressa, e é nisso que V.Exª. confia, e julga indispensavel para a prática do Bem a idea religiosa. Pois bem, caro Dr., preso-me de ter na minha vida praticado sempre o Bem, sem crer em Deus, e como eu, quantos há!

O crente entende que deve praticar o Bem em obediência à idea de que não escapamos ao juizo de Deus, e eu entendo que, se esse juizo de Deus não ~~existe~~ pode existir, eu devo ao meu semelhante a prática do Bem como solicitação íntima do meu ser, e pratico-o sem ser movido por temores de castigos eternos, mas porque tenho a Humanidade no lugar de Deus, e é a ela, portanto, que devo a prática do mesmo Bem. Sem confiar na justiça de Deus para a qual certos homens relegam a justiça e o Bem que não prestam na vida, eu julgo que me cumpre praticá-lo nesta vida, porque compreendo que a minha felicidade depende do bem-estar de todos.

Ah, meu caro Dr., quantos crentes nunca fiseram um acto de amor do próximo? V.Exª. tem a franqueza de o reconhecer, As ideas não se sentem igualmente; as ideas só por si não são nada dêsde que não haja no indivíduo uma personalidade que as fecunde.

Conclui V.Exª. que, se ainda não conseguimos nada, é porque, uns pretendem realisar o ideal pela violência, outros, pelo amor. Eu e V.Exª., a violência e o amor. Talvez não seja assim, caro Dr.!

Ah, a violência! Como eu a senti no meu espírito, como ela me feriu. Não, caro Dr., não fui eu que pratiquei a violência, eu agi na reacção provocada por uma violência estranha; eu só agi depois que vi como homem ser despojado de todos os meus direitos. Eu apostolisava pela palavra e pela escrita, defendia os oprimidos, e comecei a ser privado dêsse justo direito. Essa violência, que ninguém pode com verdadec ocultar, levou-me a posições que até então não ocupara.

Mas dirá V.Exª.: eis o êrro! A violência nunca, tudo pelo amor, como Cristo nos ensinou. Está bem, caro Dr., e quem nos dera que assim fôsse; mas no meu espírito distingo entre duas formas de violência: a dos governantes e a dos ~~explorados~~ oprimidos. Uma e outra tem a mesma ilegitimidade ou legitimidade, conforme considerarmos a violência, mas, como é costume, a violência do govêrno não se considera como tal, é tudo menos isso, só a reacção dos oprimidos é que o é.

A violência! Quem a não usa quando é oprimido? Sem

precisarmos de cair nas reflexões sorelianas havemos de compreender que muitas as vezes a usamos pelos outros com o desprezo de nós,e por influência de causas exteriores, quási sempre outras violências. Se até Cristo,o apóstolo da não-violência,a usou quando expulsou os vendilhões do Templo (S.Mateus c.21,vs.12-13). E não serão os Estados uma violência sistematisada,em elevado estado potencial e em acto?

O cristianismo declarando o Homem filho de Deus e só àquele obediente,elevando-o até êle,preparou-lhe a sua emancipação do poder absoluto dos chefes divinos,arrasando as distâncias que separavam os homens poderosos dos escravos. Por isso o cristianismo resumiu nessa época as aspirações de tôdas as revoltas dos escravos até ali deflagradas e esmagadas;foi a reacção moral e intelectual que resumiu,sei lá quantos anos de lutas.Apesar dos homens terem então achado nêsses símbolos a fôrça íntima que os uniu na comunhão espiritual do grande movimento da sua época,não quere diser que essas evocações tenham para os homens de hoje o mesmo valor, Hoje o mundo está num transe idêntico ao do mundo romano, - e podia até servir-me das imagens do discurso de V.Exª. para o comprovar -; será necessário evocar perante os homens que são livres, que ascendem para um Direito novo que as instituições actuais não assimila; . Há novos valores humanos,as ideas de justiça são já forte alimento dessa reacção moral e intelectual que nos manumitirá,mas que todos os Estados.

BN

presentes reprimem. Não será por isso que nós não comungamos no mesmo ponto de vista?

V.Exª. considera as leis económicas como estando erradas,e preconisa "uma doutrina nova,uma doutrina humana". Em aspiração estamos provisòriamente de acôrdo,porque ao definirmos essa vontade divergiremos logo. Eu encontrei essa doutrina nova e humana no anarquismo;exprimo-a como Faure,que foi jesuíta e chegou a ter ordens menores,e hoje doutrinador anarquista: "a cada ser humano a maior soma de felicidade",e como Kropotkine,"de cada um segundo as suas possibilidades,a cada qual segundo as suas necessidades". Haverá êrro nisto,ou só a parcela de verdade, como V.Exª. diz? Ainda que assim seja,não encontro nada mais exacto. A doutrina de V.Exª. não sai,senão platònicamente,do sistema capitalista,¿porque ela,como todas as outras,tem parcela de verdade,como disse V.Exª.?

Já considerou V.Exª. que o liberalismo foi uma fase inevitavel do próprio sistema capitalista? Não perfilho tal doutrina,e se V.Exª. conhece o anarquismo,há-de saber por certo que diverge fundamentalmente do liberalismo económico como diverge do corporativismo. A comunidade do trabalho e dos bens não se coaduna com tôdas essas doutrinas,o que seria a solução dos males que sofremos.

Se já refleti o que é para todas estas doutrinas o homem,como V.Exª. pregunta? Já! No anarquismo o homem é o valor total,um ser com alma,actuante e pensante,com aspirações,direitos e sentimentos,e a produção e o consumo

são valores relativos que só estão lógicos no grau de relação com a satisfação das necessidades humanas.Para o anarquismo, consumo e produção são instituïções q que servirão às necessidades humanas, não instituïções soberanas às quais o hómem se subjugue para as servir. Por isso o consumo é um direito,e a produção um dever natural, que no condicionalismo social se organizarão de modo a que sirva o segundo ao primeiro no ritmo e no conjunto, para que ambos sirvam ao bem-estar dos hómens. Ao Hómem há-de ainda restar as faculdades de procurar que êsse trabalho tenha a grandesa de obra sua, com expressões da sua personalidade; por isso somos libertários, anti-capitalistas e anti-totalitários.

A liberdade é, portanto, indispensável ao hómem, mas não essa liberdade que está apenas nas Constituïções, mas que nãd existe nas instituïções, nem nas relações sociais.

Há uma diferença fundamental entre o meu anti-capitalismo e o de V.Exª.; o meu, substitui o capitalismo; o de V.Exª., serve-o.

"Amai-vos uns aos outros"! Oh! como sinto a grandesa dessa sentença. Amai-vos uns aos outros na comunidade dos bens, na cooperação do trabalho e nos labores do espírito, isso sim, mas dizer ao capitalista que explora, e ao trabalhador explorado, amai-vos uns aos outros, não pode ser!

V.Exª. crê que pode ser ? Porque ainda o não conseguiu a Igreja ~~xxxx~~ já em tantos séculos de apostolado? Será por minha culpa e dos que não entraram no seu gré mio?

Amai-vos uns aos outros, porque o direito à vida é o código dos direitos humanos, isso sim !

Caro Dr., - e sinto dizê-lo, porque não gosto de ser rude para com as crenças alheias - não creio na Igreja, porque em cêrca de dois mil anos de apostolado e de domínio dá à nossa geração, e às que nos seguem, um mundo que está totalmente divorciado, vá lá, de Cristo. Onde está o seu poder moral ?

Sim, sei que existe cristãos verdadeiros, e até alguns no sei da Igreja, mas êsses hão-de ajudar-nos a construir um mundo novo, sem ódios nem rancores. Eu que já tenho sofrido tudo, e que continuo a sofrer, terei a indulgência necessária para esquecer tudo, e esquecerei os meus inimigos, absorvido na construção dêsse mundo que desejo, para que germine a justiça e o bem. Mas, ah ! Dr., ao lêr a imprensa - é claro, a legal, e até a que se intitula cristã -, só ouço dos triunfadores da hora presente palavras de rancor e de perseguição. Nem o poder os satisfaz ! Só há ódio; não vejo os preceitos de Cristo serem praticados.

Vou acabar esta leve dissertação, para escutá-lo com atenção e consideração nas colunas de "O TRABALHADOR", e entretanto perdôe esta maçada.

Creia que não sou nem serei seu inimigo, e que não veja no meú sorrir superioridade afectada ou orgulho obstinado; é uma forma suave de discordar e sem malícia.

Aceite V.Exª. os cumprimentos de quem o considera e está sempre ap dispor

a) Emídio Santana